



## Análises de conjuntura por mulheres negras e periféricas

*Denúncias e anúncios a partir do Encontro Autogestão*

*Ana Santos, Mayã Martins Correia, Laura Rougemont e Yane Mendes*

### Introdução

O cotidiano do Instituto Pacs foi permeado por boas inquietações e perspectivas durante um processo imersivo de quatro dias no mês de dezembro de 2022, na realização da 8ª edição do **Curso Autogestão**, que a partir desta última passou a se chamar **Encontro Autogestão**, em consonância com aprofundamentos construídos no decorrer da sua existência. As coletividades participantes do Encontro compõem o chamado **“Coletivo Autogestão”** e

integram o **Plano Popular Alternativo ao Desenvolvimento (PPAD)**, que tem a autonomia coletiva como horizonte e prática, com o objetivo de ser um instrumento que possibilite subsidiar, visibilizar e articular alternativas populares e territoriais já existentes.

Ao longo das suas edições, o Curso/Encontro Autogestão já recebeu mais de 50 movimentos sociais, oriundos de todas as regiões do Bra-

sil. Intitulado **“Encontro Autogestão: horizontes de autonomia e bem viver nos territórios”**, o processo de 2022, aninhado no estado do Rio de Janeiro, contou com coletivos e movimentos sociais de sete estados: **Pernambuco, Bahia, Pará, Maranhão, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro**. A metodologia da atividade incluiu debates, rodas de conversa, oficinas, apresentação de ações territoriais e pactuação de prioridades de atuação previstas para o ano de 2023 por parte das coletividades que compõem o Coletivo Autogestão\*.

Logo no princípio do Encontro, foram tecidos os fios de uma análise de conjuntura coletiva, a qual contou com, dentre outras falas, as análises de conjuntura apresentadas por duas mulheres negras e periféricas, que são lideranças de coletivos enraizados nos seus territórios: **Ana Santos e Yane Mendes**. Vale mencionar que o PPAD não compreende os territórios de modo estático, mas como espaços sociopolíticos de disputa por autonomia, sendo lócus de construção de práticas que vão para além dos valores do viver hierárquico\*\*. É desde territórios das cidades do Rio de Janeiro (RJ) e de Recife (PE) que Ana e Yane desenvolveram análises de conjuntura, tendo como base seus olhares e experiências cotidianas.

---

\* Mais informações: <http://ppad.org.br/noticia/153>

\*\* Mais informações em: <http://ppad.org.br/quem-somos>

## Denúncias e anúncios

Neta de avô pernambucano e avó baiana, Ana Santos é educadora popular e culinária. Nascida e criada na Baixada Fluminense, foi no Complexo da Penha, na cidade do Rio de Janeiro, que Ana fincou raízes e passou a atuar na fundação do Centro de Integração da Serra da Misericórdia (CEM). Em um trabalho que abraça a agroecologia urbana e a educação popular, além de aspectos culturais do território, o CEM cria redes e gera processos de fortalecimento popular: plantar, colher, cozinhar, educar, aprender, lutar e resistir são verbos conjugados em sintonia com o cotidiano das atividades do CEM\*\*\*.

Cria da favela do Totó, em Recife, Yane Mendes é uma cineasta periférica que utiliza a ferramenta audiovisual para potencializar narrativas tanto de denúncia de violações quanto da conquista de direitos negligenciados pelo Estado. Yane integra o trio de mulheres negras que coordena a Rede Tumulto, um coletivo da capital pernambucana que trabalha com comunicação popular, periférica, favelada e jovem. A defesa da valorização dos sonhos da juventude é uma das forças da Rede Tumulto, que busca mostrá-la que é possível apontar outros horizontes

---

\*\*\* Para saber mais sobre as histórias de Ana Santos e do CEM, acesse os links: <http://pacs.org.br/noticia/mulheresterritoriosdeluta-agricultura-urbana-feminismo-e-resistencia-na-favela-da-penha-e-serra-da-misericordia/> e <http://ppad.org.br/noticia/107>.

e, em coletividade, construí-los\*.

Yane e Ana ampliam horizontes e constroem, a partir dos seus territórios, não apenas denúncias, mas também anúncios, nos termos de Paulo Freire\*\*. Do lado das denúncias, estão as brutalidades perpetuadas pela ética do mercado, apática às questões humanas. Por outro lado, dos anúncios, estão as possibilidades da pergunta, da escolha, do sonho e da dignidade no viver. Ao denunciar a presente realidade, dá-se os primeiros passos para o anúncio de um cenário melhor, de um cenário em que a possibilidade é uma tônica. Essa forma de ver o mundo está relacionada à uma lógica que é contra qualquer modo de conceber a História como fatalismo, ou seja, tratando os acontecimentos vindouros como dados, imutáveis, irreversíveis. O pensamento do anúncio caminha no sentido de que as pessoas têm o direito de comparecer à História como sujeitos, não como objetos. A História é vista, assim, sob o prisma da contingência.

Ainda na concepção de Freire\*\*\*, não existe utopia que não esteja imersa em uma tensão existente entre a denúncia de um presente cada vez mais

---

\* Para saber mais sobre as histórias de Yane Mendes e da Rede Tumulto, acesse os links: <http://pacs.org.br/noticia/autogestao-em-re-de-memorias-e-caminhos-da-rede-tumulto/> e <http://pacs.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Cartilha-Rede-Tumulto.pdf>.

\*\* FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 1a ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

\*\*\* FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 23a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1992] 2016.

insuportável e o anúncio de um futuro imaginado em criação coletiva. A utopia implica simultaneamente a denúncia e o anúncio. Inaugura-se o sonho na medida em que a História está em constante movimento, construída pelas pessoas. Na relação dialética entre anúncio e denúncia, podemos vislumbrar as fissuras e rachaduras, conforme o entendimento dessas palavras por Catherine Walsh\*. Tratam-se de brechas, nos muros da ordem vigente, em que há maior viabilidade para escavar condições favoráveis aos questionamentos críticos e às práticas insurgentes, enquanto se macera o poder hegemônico que tenta acomodar as pessoas à situação de desigualdades e opressões.

São sobretudo as mulheres que constroem tais alternativas nas fissuras e rachaduras, criando as condições para organizarem-se e, assim, agirem juntas para suprir as demandas provocadas pelas ausências e violências do Estado. Apesar das mulheres serem ativas e determinantes nas linhas de frente de coletivos e movimentos sociais, as suas vozes comumente são abafadas, particularmente aquelas que estão alinhadas às pautas dos direitos das mulheres e que falam com os pés fincados em um chão de experiências auto gestionárias.

---

\* WALSH, Catherine. **Gritos, grietas y siembras de vida: entretejerer de lo pedagógico y lo decolonial**. In: WALSH, Catherine (Org.). *Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo II. Serie Pensamiento decolonial. Quito: Ediciones Abya Yala, 2017. p. 17-45.

A participação das mulheres nos espaços de ação política tem sido invisibilizada ao longo de séculos, fazendo-as ocupar, em geral, uma posição de exterioridade com a política, como se não fosse política o seu próprio fazer cotidiano. Portanto, quando uma mulher extrapola as escalas de participação que foi a ela designada tendo como base o cerceamento e o silenciamento, sua voz comunitária ecoa, alcançando rumos mais amplos, transformando-se numa voz-horizonte. Com o objetivo de situar essas vozes em suas realidades, mas também de ecoá-las como “horizontes de autonomia e bem viver nos territórios” – como já grafado no próprio nome do Encontro – trazemos adiante as falas de Ana e Yane.

### **Análise de conjuntura**

A análise de conjuntura busca compreender o recorte temporal do agora. Para os coletivos e movimentos sociais, pode ser um instrumento de luta por permitir vislumbrar campos de possibilidades e, desse modo, favorecer a sementeira de estratégias de luta e o arar das alternativas imaginadas. Como ato político que exige posicionamento, fazer análise de conjuntura implica a simultaneidade do analisar e do agir ao mesmo tempo. Para Betinho\*, não existe análise de conjuntura desinteressada, pois ela consiste, necessariamente, em uma análise que está interessada

---

\* SOUZA, Herbert José de. (Betinho). **Análise de Conjuntura**. 1a ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

na construção de formas de intervenção política, situando-se como intimamente relacionada com as escolhas das forças sociais em luta.

Ao deter-se em um acontecimento, a análise de conjuntura permite enquadrar os grupamentos de forças, as condições, as contradições e as questões que o criaram e/ou que o sustentam. É nessa moldura analítica que se encontram as análises tecidas por Ana e Yane no último Encontro Autogestão. A análise de conjuntura ganha um peso ainda maior com o fato de que, devido ao contexto pandêmico, fazia três anos que o Coletivo PPAD não se agrupava presencialmente, visto que as edições de 2020 e 2021 ocorreram de forma descentralizada nos territórios. Havia, assim, um acúmulo de elementos que precisavam ser pontuados na análise de conjuntura para que fossem refletidos coletivamente.

Sabe-se que a crise sanitária, econômica e social engendrada pela pandemia da Covid-19 foi usada como um gancho pelo governo federal brasileiro para o incremento de medidas neoliberais. Nesse período, pela primeira vez, a insegurança alimentar brasileira superou a média simples mundial\*. São desigualdades provocadas pelo modelo de desenvolvimento hegemônico e intensificadas pelo contexto pandêmico e, sobretudo, pelo modo de atuação

---

\* **Insegurança Alimentar no Brasil: Pandemia, Tendências e Comparações Globais**, 29 p. Maio/2022. Disponível em: <https://cps.fgv.br/FomeNaPandemia>.

do ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022). Nas eleições presidenciais de 2022, vislumbramos uma oportunidade de enfrentamento institucional do fascismo que vinha sendo reproduzido nas instituições brasileiras, o que mobilizou a sociedade no processo eleitoral.

Realizado pouco mais de um mês após a vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no 2º turno nas eleições de 2022, as conversas no Encontro Autogestão traziam o alívio pela queda de um governo que criminalizava a organização popular. Circulavam também muitas reflexões sobre as possibilidades de retomada de políticas públicas esvaziadas ou interrompidas. Apesar de um cenário favorável ao fortalecimento do campo democrático, é certo, porém, que apenas a existência dos ventos propícios não é suficiente se não são atendidas as demandas urgentes por avanços da reparação e da luta por justiça socioeconômica.

Diante desse quadro, percebe-se como não é um exercício simples elaborar análises de conjuntura sobre o Brasil de hoje. Yane e Ana enfrentaram uma tarefa de fôlego, trazendo um caldo crítico que merece ser compartilhado para além do Encontro Autogestão. A nossa proposta com este texto é colocar em diálogo as contribuições de Ana e Yane, organizando essa interlocução a partir de três temáticas que atravessaram de modo mais direto as suas falas: I. Desafios a partir dos nossos;

II. Formas de fazer política; III. Cuidado e território.

### **Desafios a partir dos nossos**

Os dados sobre o contexto de violências nas comunidades do Rio de Janeiro iniciaram a fala de Ana. Além das notícias televisionadas, há as operações policiais, os tiroteios e as mortes que a população em geral não chega a saber. Ana pontua que apesar da intimidação e da força bruta policial serem elementos marcantes de quando se fala sobre o seu território, o Complexo da Penha é também um local que agrega outras questões que não podem ser invisibilizadas:

**“Estamos falando de um local em que falta água, de uma cidade com um número enorme de desapropriações e da fome que cresceu e berrou aos nossos ouvidos”**

**Ana Santos**

O agravamento da fome também é um aspecto destacado por Yane:

**“A fome dialoga diretamente com a favela”**

**Yane Mendes**

Yane questiona, então, o que é suficiente para o povo da favela. A juventude não se contenta apenas em ter o que comer. Ela aborda que o presidente Lula falou sobre a fome em seu discurso de vitória, em momento de rememorar seus feitos passados, mas desfocou o que a sua geração demanda daqui pra frente:

**“Juventude não quer só comer, quer acesso à tecnologia e outros direitos”**

**Yane Mendes**

É fundamental, para ela, que esse acesso passe pela desburocratização do processo de financiamento para projetos culturais. O governo do presidente Lula precisa dar atenção às particularidades no incentivo à arte e à cultura desenvolvidas pelas favelas, que ainda lidam com altas exigências em editais, o que ergue diversas barreiras.

O adoecimento gerado pelo contexto político brasileiro é outro tópico trazido por Yane, mas com a ressalva de que precisamos refletir sobre as vitórias obtidas. É o mesmo tom da fala de Ana, que não quis focar somente nas violências, ausências, exclusões, feminicídios e racismos nas periferias. Assim como Yane, ela quer pensar e criar estratégias:

**“Que entremos pelas brechas!”**

**Ana Santos**

### **Formas de fazer política**

Por ter trabalhado na mandata coletiva “Juntas” (PSOL), na Assembleia Legislativa de Pernambuco (Alepe), entre 2018 e 2022, Yane compartilhou suas impressões sobre esse locus de poder institucional. Para ela, a Alepe não é convidativa à participação do povo e tampouco é um espaço que observa e considera as práticas populares. No processo eleitoral, Yane menciona que se comentou muito sobre o movimento “vira-voto” como uma inovação. Mas ela assegura que essa forma de conquista de votos sempre existiu nas comunidades:

**“Antes de saber o papel de um deputado, eu estava virando voto”**

**Yane Mendes**

O diálogo dos parlamentares com a comunidade foi outro tópico frisado por Yane, em uma fala sobre como essa interlocução deveria

consistir em um processo contínuo – e não um processo pontual, com traços de uma postura colonizadora. Essa forma de agir é percebida mesmo em alguns parlamentares de partidos de esquerda, sendo destacada a dificuldade de ouvir. Para Yane, é preciso pensar nessa instrumentalização das favelas pela política partidária, pois muitos políticos pisam nelas apenas em contexto de eleição para captar voto.

Nesse quadro, Yane enfatiza como os grupos de base não são valorizados e questiona o foco em apenas um candidato protagonista. Ela indaga o porquê de construirmos tantas coalizões somente para fortalecer uma figura ou outra que é colocada em destaque. Ao pensar em perspectiva futura, Yane reflete criticamente sobre as escolhas dos que estavam compondo a equipe de transição do governo federal, repleta de nomes que notoriamente não são aliados do povo.

Em consonância com as críticas de Yane, situa-se a fala de Ana sobre as lacunas no modo como o tema da agroecologia é incorporado nos discursos e nas práticas da política institucional. Ela observa, ademais, que o tema da agroecologia tem sido cooptado pelo meio acadêmico. A partir desses elementos, elabora um questionamento que se aplica não apenas à temática da agroecologia, mas também a tantas outras:

**“Final, por que ver nossas histórias contadas por quem nem conhece nossa realidade?”**

**Ana Santos**

Em retomada do argumento sobre a dificuldade em conseguir enxergar as pequenas vitórias, Yane comenta sobre um certo “embarço” na compreensão do fracasso, o que tem consequências profundas quando se trata da participação política institucional. Como exemplo, Yane citou que houve fôlego nas articulações em prol da ampliação da presença de mulheres em cargos políticos, mas foi esquecido que não basta o voto em mulheres, pois as parlamentares impulsionadas por movimentos de esquerda têm que estar comprometidas com as lutas populares. É preciso, assim, eleger mulheres que estejam alinhadas com as pautas defendidas por nossas redes de coletividades.

Yane falou ainda sobre aproveitar brechas, pois a memória mostra que é “nós por nós e sempre foi”. Em afinação com essa fala, está um comentário de Ana acerca da relevância de encontramos no “nós por nós” uma oportunidade de mostrar que o povo tem força, cabendo apenas a tarefa de descobrir onde ela está.

## Cuidado e território

Tendo como alicerce a celebração da vida a partir do plantar, Ana argumenta sobre a dificuldade de falar de resistência quando, no seu território, está ao lado de mães enterrando seus filhos:

**“Como responder com vida ao sistema de morte?”**

Ana Santos

No meio da agroecologia, a ideia de sistema de morte costuma ser relacionada ao uso de agrotóxicos, mas antes dessa questão, destaca Ana, os moradores do Complexo da Penha estão morrendo em operações policiais com intensa violência. Ela expressa que estamos falando de um cotidiano em que o ir e vir sangra cotidianamente, para além da fome.

É possível ampliar a escala do Rio de Janeiro para o Brasil. Na fala de Yane, é destacado o modo como o contexto político brasileiro recente gerou muito adoecimento. Ela pondera que, mesmo com a felicidade diante do resultado da eleição para a presidência, é preciso primeiro vencer o cansaço do nosso corpo para depois fazer brotar a esperança. Yane trouxe ainda casos de violências pós-eleições que continuam se somando sobre os corpos

das mulheres periféricas. Esse cenário dá indícios da centralidade da importância dos cuidados com o próprio corpo e com os dos seus:

**“Quantos de nós queríamos desligar o celular e dizer para o movimento que gostaria de descansar, mas não pode?”**

Yane Mendes

Nesse sentido, tirar um tempo das atividades no território para a imersão no Encontro Autogestão não foi uma ação fácil para Ana, pois as agendas gritam com as múltiplas demandas e é necessário um esforço de organização. Nesse processo, porém, também fica a pergunta essencial apresentada por ela:

**“Quem cuida de quem cuida?”**

Ana Santos

## Um par de notas conclusivas

Observa-se que mesmo após os seis primeiros meses de uma guinada de rumo no governo federal, com a entrada de Lula na presidência e a aposta de um mandato mais comprometido com as causas populares, mantêm-se atuais as reflexões comunicadas por Ana e Yane em dezembro de 2022 no

Encontro Autogestão. Sabe-se que mudanças não surgem repentinamente, mas os pontos de atenção e as contradições destacadas nas análises de conjuntura são conteúdos que devem ser considerados no acompanhamento crítico das próximas veredas de acontecimentos no nosso país.

Igualmente, merece ênfase a forma articulada de pensar as denúncias e os anúncios. As análises de conjuntura buscaram, de certa forma, dar visibilidade às consequências das desigualdades sociais e dos dismantelamentos do que é público e deveria ser de todos. E tais análises só se fazem precisas porque são capazes de comunicar os efeitos das antipolíticas sobre quem as vive diretamente em seus territórios, atravessados por tantos ataques no dia a dia que, por vezes, minam a própria capacidade de sobrevivência. Ao mesmo tempo, como antídoto das antipolíticas, as falas de Ana e Yane acendem o farol das micropolíticas expressas e exercitadas no cotidiano, estas sim, formas possíveis e sensíveis de vislumbrar os anúncios.

São falas e vivências como as delas que apontam para a justiça social como horizonte e trazem para a superfície saberes e práticas autogestionárias, munidas de estratégia, esperança, de cuidado consigo e com o outro, num fazer constante e coletivo.